

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Ida de Souza Coelho

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Trajano Camargo

Limeira/SP

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP.

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Um projeto de pesquisa sobre a escola profissional primária de Limeira necessitava de depoentes. D. Ida foi indicada por D. Dora Binotti e ambas contribuíram, com suas lembranças, fotos e amostras de pontos de bordado e de costura, para a escrita da história dessa escola, núcleo que deu origem a atual Etec Trajano Camargo. Nada foi gravado entre novembro de 2008 e agosto de 2009, as perguntas e respostas foram anotadas, tiradas fotografias e recebido algum material. E D. Ida cantou o hino da escola profissional. A pesquisa foi finalizada. Anos mais tarde, foi feita uma gravação com som e imagem. As respostas foram, praticamente, as mesmas do primeiro depoimento e o resultado é o que se segue.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: residência da entrevistada, Rua Sete de Setembro, 168, centro, Limeira/SP

Data: 17 de julho de 2013

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 37 minutos e 46 segundos (vídeo 1- 30min.; vídeo 2 - 3:24; vídeo 3 - 4:23)

Número de vídeos: 03 (três)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 17

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada em 2013 como registro audiovisual do depoimento dado em 2008-2009 para uma pesquisa intitulada Trajano Camargo - a escola profissional da década de 1930: construção da história. D. Ida, com mais de noventa anos de idade, relatou sua permanência na Escola Profissional Mixta Dr. Trajano Camargo, onde se alfabetizou e fez o primeiro ano do curso de Corte e Confecções. A passagem por essa escola foi muito marcante, a tal ponto de lembrar os nomes das mestras e alunas, com as quais conviveu. Reportou sobre a distribuição do espaço escolar, as atividades do cotidiano e do excepcional, como a visita à escola profissional feminina, em S. Paulo. Com uma memória prodigiosa, cantou o hino da escola, o que permitiu a recuperação de sua musicalidade. Fez referência aos barracões de laranja e às indústrias da Limeira de seu tempo.

Transcrição da entrevista

Entrevistado: Ida de Souza Coelho, em Limeira

Data da transcrição da entrevista: 31 de outubro de 2013

Nome do transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Vídeo 1 (30 minutos)

MAGB: [Gente do céu. Agora nós vamos gravar. Só por Deus.] Hoje é dia 17 de julho de 2013. Nós estamos na casa da D. Ida de Souza Coelho, aqui na Sete de Setembro. E a D. Ida colabora com nossas pesquisas sobre a escola Trajano Camargo desde 2009.

ISC: [em voz baixa] A minha escola era a profissional e não se chamava Dr. Trajano Camargo.

MAGB: Não, mas a escola foi fundada pela D. Terezinha. Quando prefeita ela fez o ato que criou a escola, mas a escola sempre chamou, primeiro era primária mista, não, era municipal. Escola profissional primária municipal e logo depois - não tenho a data desse logo depois -, ela ficou chamando Dr. Trajano. Tanto que o Trajano agora não tem esse doutor mais. É Escola Técnica Estadual Trajano Camargo. Então todo mundo fala escola Trajano, escola Trajano, só naqueles anos 30, porque a escola foi criada por D. Terezinha, em setembro de 1934. Ela fechou, foi extinta no final de 1939, mas não tenho a data de quando passou a ter o nome do Dr. Trajano (ele já tinha morrido. Ele morreu em abril de 1930). A escola começou pouco mais de 4 anos que ele morreu.

MAGB Ah, D. Ida, sinto muito. Começa outra vez. Vamos lá D. Ida. A senhora nasceu em Santos no dia...

ISC: no dia 30 de maio de 1917. Vim pra Limeira fazer 8 anos aqui em Limeira. Vim com 7 pra cá. Morei numa chácara, num sítio, lá na Graminha. Chamava-se Sítio Santo Antônio. Morei 8 meses lá. Depois vim pra cidade. Meu pai comprou um bar aqui na rua Dr. Trajano, perto da Praça Toledo Barros e se chamava Bar do Comércio. E ali fiquei até uns 11 anos, eu fiquei morando ali e depois fomos lá pra perto da Machina S. Paulo. Eu estava com meus 12 anos mais ou menos, trabalhei na laranja com meu pai – meu pai era fruteiro e se chamava José Luiz de Souza -, e depois quando veio a escola profissional aqui pra Limeira eu já estaria com 17 anos e meu pai se entusiasmou todo e quis que eu fosse estudar lá. Mas como eu não tinha o meu 4º ano de primário, como não tinha diploma, eu tive que fazer os 4 anos num ano só.

MAGB A senhora não lembra quem deu aula pra senhora?

ISC: Quem deu aula nesse curso? Ai meu deus do céu eu não lembro muito não. Eu sei que tinha uma [pausa], ai, esqueci o nome dela agora, é Elza Roland.

MAGB É, a Elza Roland deu aula de português.

ISC: Ela era ótima. Além de tudo muito boa pessoa, carinhosa, muito boa. Então, eu como gostava eu queria passar. Eu consegui, né.

MAGB Esse que a senhora foi fazer era diurno ou noturno?

ISC: Diurno. Então eu consegui passar. Fiz exame e passei pra escola profissional.

MAGB E a senhora vai cursar um ano a escola profissional e nós estamos fazendo uma conta que a senhora tava com 17 anos.

ISC: Depois já estava com 18.

MAGB Então já seria no ano de 1936. Não é isso?

ISC: É. Acho que mais ou menos isso.

MAGB E depois a senhora conta pra mim quem eram suas professoras, o que a senhora estudou, o que a senhora fez.

ISC: Então vou começar com nosso diretor, seu Brasil. Era um ótimo diretor e um ótimo professor de português. Depois tinha minhas professoras, né: a D. Risoleta que era da cozinha e trabalhos manuais, assim flores e outros trabalhos, a D. Rosa que era da puericultura que ali nós fazíamos o mingau das crianças, vinha o médico, examinava as crianças e via qual mingau que podia ser dado para as crianças. Pra umas tinha um, pra outras tinha outro, né. Agora tem um detalhe também, que nós vínhamos na residência das criançinhas, nós tínhamos que ter a dimensão de onde as crianças ficavam pra dormir, tudo. E até isso tínhamos que fazer.

MAGB E as casas eram perto?

ISC: Bom, cada uma ia num lugar, né. Até por perto da minha casa tem uma casa que

eu vim e eu não sabia nada daqui ainda, né. Mas, então, voltando às professoras. Ali a gente aprendia a fazer o mingau das crianças, né. Então vinha o leite e nós batíamos, tinha uma máquina que a gente batia para tirar manteiga. E com a manteiga a gente aproveitava para fazer os bolos que a gente fazia lá na cozinha. Essa manteiga, tudo era aproveitado. Depois a gente tinha um mingau que a gente torrava um pouco a manteiga com uma farinha pra depois fazer o mingau pra umas crianças e para outras era outro mingau, né. E também aprendíamos já como estávamos na barriga da nossa mãe. Começamos assim, né. Não aprendi muito mais porque saí antes de terminar o curso todo, né.

MAGB Agora a senhora tem as outras professoras.

ISC: Agora as outras professoras. A D. Eunice era professora de bordado e desenho. Também uma ótima professora. Morava em S. Paulo. A D. Rosa também em S. Paulo. Tem a D. Maria Affonso, que nós chamávamos - ela era legalzinha, sabe – de dona Mariquita. Essa era de Sorocaba. Essa era de corte e costura. Também uma ótima professora. Pra mim foi. Aprendi muito lá.

MAGB E tinha alguma coisa chamada economia doméstica?

ISC: Aí era a D. Risoleta, que era lá na cozinha. Aprendíamos a fazer bolos e vendíamos esses bolos pros alunos, pra comprar material para fazer outra vez, vendíamos em pedaços na hora do recreio. Os rapazes iam comprar.

MAGB: Era bolo então.

ISC: Era bolo.

MAGB: D. Ida vocês levavam material para as aulas? Como é que era as aulas lá? Que peças vocês faziam?

ISC: Começamos aprendendo a fazer roupa de nenê. Nós tínhamos um caderno grande, desenhávamos um nenezinho, né, e depois explicava tudo como a gente fazia, só que o meu ... E aprendíamos então a costurar também. Fazíamos babador, touquinha pra criança, casaquinho de flanelinha. Tudo isso nós fazíamos.

MAGB Eu ia perguntar que material que era.

ISC: Tinha de flanelinha e outros tecidos. Para fazer camisinha era uma cambraia, fazia camisa-pagão. Eram duas camisinhas, uma sem manga e uma de manga comprida, que uma era abotoada atrás e uma abotoada na frente. Então usava as duas juntas.

MAGB E o que vocês faziam depois com isso?

ISC: Só aprendia.

MAGB Não tinha exposição?

ISC: Não tinha exposição. Infelizmente não tinha.

MAGB Acho que no tempo da senhora não tinha exposição.

ISC: Depois que eu saí acho que teve.

MAGB Acho que eles vendiam tudo, sabe. Eram concorridas as exposições. Saía no jornal. Eles faziam comunicado no jornal que tinha exposição anual.

ISC: Nós tínhamos um jornalzinho também lá dentro da escola.

MAGB Ah é?

ISC: Tínhamos. Comentando tudo o que faziam lá dentro da escola.

MAGB É uma pena que ninguém tem nada, né, D. Ida.

ISC: Se a gente guardasse tudo.

MAGB É, não dá pra guardar. E o quê mais? Era um curso só de menina.

ISC: Tínhamos um curso de português, tínhamos um curso de matemática também.

MAGB Aprendia alguma coisa de história e geografia, assim ou não?

ISC: Aprendíamos.

MAGB Mas com esses professores?

ISC: Com esses professores mesmo. Eu aprendi muito mais no curso que fiz de quatro anos. Eu aprendi muito mais, de geografia, de...

MAGB Naquele que a senhora fez do primário?

ISC: É.

MAGB A escola tinha eventos, comemorações, festas?

ISC: Tinha, tinha. A gente até ajudava. Houve uma festa, antigamente era Teatro da Paz, depois passou a ser Teatro Vitória, então teve uma apresentação. A gente fazia as roupas pra fazer as peças. Era muito bonito.

MAGB Era festa do quê?

ISC: Era só apresentação. Como se fosse um teatro. Por exemplo, tinha até uma que seu Brasil que fez, que falava assim...

MAGB A senhora lembra do sobrenome dele?

ISC: Brasil Machado.

MAGB Brasil Machado de Campos. Acho que é. É que faz tempo que fiz essa pesquisa. Eu não sabia que ele era professor de português. Mas ele escrevia peça, ele escrevia poesia. Entendi. A formação dele era professor de português, mas ele era o diretor.

ISC: Nós tínhamos outro professor de português, mas eu não lembro o nome dele agora, entende?

MAGB Então as moças podiam ter aulas com os homens.

ISC: Os homens tinham separado de nós.

MAGB Sim, mas podia ter um professor. Mas as moças podiam ter um professor.

ISC: É. Seu Brasil dava aula pra nós quando faltava o professor de português.

MAGB Ah, é interessante. Nossa! Quem será que era o professor de português? Era homem?

ISC: Era homem.

MAGB Porque eu sempre tenho lá que era a Elza Roland.

ISC: A Elza Roland era do meu tempo de 4 anos de escola.

MAGB Mas ela dava aula à noite também. Tinha curso de alfabetização à noite Então me parece que era uma professora pra as mulheres e um professor pros homens. [outras considerações] Então vocês tinham um professor de português. Interessante. E o contato com os meninos? Os meninos tinham aula onde?

ISC: Eles tinham separado de nós. Nós tínhamos a nossa escola na frente, e eles tinham que fazer desenho na classe que fazíamos, só que cada um tinha a sua vez. Mas, se não, a parte deles era lá na mecânica e na carpintaria.

MAGB Que ficava lá no...

ISC: no outro lado. Tinha o recreio, a gente subia assim e tinha um pátio que dividia. Até hoje tem lá.

MAGB Aquilo é uma judiação, hi! É um depósito de ferro velho, de lixo.

ISC: Infelizmente.

MAGB Um horror.

ISC: Digo, ai que saudade da minha escola.

MAGB Escola totalmente degradada. O prédio tá lá, mas totalmente degradada. Mas vocês não tinham contato com os meninos. Quero dizer o seguinte, o recreio, o recreio era junto?

ISC: Não. Eles ficavam lá, mas não tinham o direito de ficar ali junto com a gente. Ficavam separados.

MAGB As classes não eram mistas, a escola era mista, mas eles faziam mecânica e ...

ISC: carpintaria.

MAGB Marcenaria?

ISC: É, marcenaria.

MAGB E vocês faziam corte e confecções. É isso que chamava o curso.

ISC: E trabalhos manuais.

MAGB Mas o curso se chamava corte e confecções. E no meio aprendiam uma porção de coisa. Então essa coisa de patriotismo, de cantar hino, onde acontecia isso?

ISC: Teve também uma apresentação na nossa classe mesmo de corte e costura fizeram um palcozinho, né. Posso falar?

MAGB Pode.

ISC: Acontece o seguinte: eu, com minha timidez, com esse vozeirão que tenho, seu Brasil achou que eu tinha que falar sobre a bandeira do Brasil. Com a minha timidez olhava a bandeira e quase não olhava pro povo que estava na classe assistindo. Ele escreveu, seu Brasil, e eu então tinha que falar sobre a nossa querida bandeira, mas eu olhava pra bandeira e quase não olhava pro povo também, porque era muito tímida.

MAGB: Mas se saiu bem?

ISC: Me saí bem.

MAGB: A senhora tem um timbre de voz bom, a senhora fala bem as palavras, acho que é o lado português do seu pai, não é? Uma pergunta que eu nunca fiz: vocês tinham máquina de costura? Lembra duas coisas D.Ida, quais eram os equipamentos que vocês tinham e como era a disposição das classes lá naquele prédio? O que ficava lá em cima?

ISC: Lá em cima ficava a diretoria...

MAGB: A entrada dos alunos onde era?

ISC: A entrada dos alunos era pela [rua] Barão de Cascalho.

MAGB: Tinha uma outra porta que dava pra [rua] Tiradentes ou não? Ou era fechada?

ISC: Era fechada.

MAGB: Então entravam pela Barão de Cascalho, subiam uma escadinha.

ISC: Lá em cima tinha uma sala, tinha a diretoria, e depois pegada à diretoria tinha uma sala que ali dava aula de português, a nossa classe de corte de costura. Ali ficava duas professoras, a de corte e costura e a de bordado e depois tinha mais uma outra sala que era onde dava de matemática. Depois, lá em baixo...

MAGB: Então vamos voltar aqui, o que tinha nessa sala de costura de vocês? Tinha máquinas?

ISC: Tinha máquinas de costura. Agora não lembro se eram ...

MAGB: Manuais ou aquela de pedal?

ISC: É pedal. Naquele tempo era tudo pedal.

MAGB: Nada elétrica, não, quero dizer não era manual.

ISC: Manual não, pedal.

MAGB: Quem será que comprou essas máquinas?

ISC: Acho que foi tudo a D. Terezinha. Esse detalhe eu não sei.

MAGB: Acho que é isso mesmo.

ISC: Acho que foi tudo doado por ela.

MAGB: Então aí, tinha as máquinas de costura, a senhora não lembra quantas tinha no comecinho?

ISC: Tinha assim virada pra nós uma mesa que era da D. Eunice, que era de bordado e a outra mesa que era da D. Mariquita, né. E nós nas cadeiras e ali elas davam a aula.

MAGB: Quantas alunas tinha no começo?

ISC: Quantas alunas? Ai meu deus do céu.

MAGB: 15, 20?

ISC: Todas essas da foto.

MAGB: Porque a gente tem aquela foto ali, né. É bastante gente [contei 45]. Daí, elas ficavam, saíam muitas ou não?

ISC: Saíram algumas.

MAGB: Mas e daí? Quantas máquinas tinha? 2, 3, 4?

ISC: Se não me engano, não sei se eram 3 ou 4 máquinas.

MAGB: Dava pra todo mundo enquanto uma fazia uma coisa ...

ISC: Quando você precisava costurar ia costurar, o que era de mão ficava fazendo a mão, bordado ou costura que fosse de mão.

MAGB: Que pontinhos a mão aprendiam lá, de bordado, acabamento?

ISC: Bordado cheio, crivo, caseado, ponto paris, ponto turco, ponto russo. Tinha muitos pontos que a gente aprendia.

MAGB: Não tinha um chamado cordonê?

ISC: Nós chamávamos ele de cordãozinho.

MAGB: É cordonê, né? E o outro chama ponto ajour?

ISC: Tinha o ponto ajour para aprender a pregar rendinha.

MAGB: Tudo a mão. A senhora usou alguma coisa dessas coisas aí que aprendeu?

ISC: Eu aprendi a costurar, né. Também a fazer o corte. Quando saí de lá já sabia o cortar e armar blusa, saia.

MAGB: O que aprendiam lá?

ISC: Nós aprendíamos vestidos, tudo né.

MAGB: E as coisinhas de nenê. Touca, babador.

ISC: Touca, babador, casaquinho de flanelinha, de fustão.

MAGB: Ah! Fustão.

I: E os babadorzinhos e touquinhas de cambraia com rendinha.

MAGB: Chique. As crianças eram chiques.

I: Não aprendeu quem não quis aprender, mas acho que todas tiraram proveito disso aí. Agora, em baixo ...

MAGB: No andar de baixo...

ISC: No andar térreo tinha a cozinha que a gente aprendia a fazer bolos.

MAGB: De que lado estava voltada a cozinha, a senhora lembra?

ISC: Deixa-me ver: entrávamos, tinha a frente a puericultura que era na esquina e, pegada à puericultura, que era a classe de desenho e para o outro lado que dava pro pátio do recreio era a cozinha.

MAGB: E ali tinha uma escada. Ela dava pra onde? Essa que está na fotografia [da Dora]

ISC: Ia do recreio para a parte de cima.

MAGB: Ah, é da Dora. A Dora tem uma com as moças. A senhora deu essa fotografia e a Dora deu a outra. Nessa aí vocês estão sentadinhas no pátio, não é? Tem alguma escada aí?

ISC: Tem uma escada. Justamente aqui nós estamos nessa parte de cima.

MAGB: Ah, é verdade, mas a escada da Dora parecia muito mais alta porque cabia todo mundo.

ISC: É porque a Dora era da 2ª turma e eu era da 1ª turma.

MAGB: A Dora, eu preciso conferir se ela terminou em 39 ou 38. 39 foi, que eu saiba, até onde eu sei, uma formatura em 37, uma em 38 e a terceira em 39. Dessas, por incrível que pareça, consegui a fotografia de todo mundo. Só uma moça que não eu consegui identificar o nome. Mas eu tenho isso aí. E depois a senhora cantou o hino ainda. É uma beleza as coisas que conseguimos nessa escola profissional. Precisava fazer alguma coisa com isso, publicar, não sei de que jeito. Hoje em dia é tudo

diferente. A coisa é eletrônica, não é? A senhora tá com a cabeça ótima. A senhora falou direitinho tudo a mesma coisa Eu li aqui como dividia as salas a senhora falou do mesmo jeito, igualzinho. Falou dos meninos, falou do mingau. Sua cabeça tá ótima, não é?

ISC: É.

MAGB: Mais alguma coisa? [risos]

ISC: Que eu lembre agora, o que eu poderia falar mais da minha querida escola, não?

MAGB: Uma coisa que tenho curiosidade, eu falo assim que essas mulheres, nesses anos 30, elas eram bem emancipada pra época. A mulher tinha começado a votar D. Ida, como que elas faziam curso em Sorocaba, São Paulo e vinham para o interior? Onde é que elas moravam? Elas tinham namorado? Eram casadas?

ISC: Não. A D. Rosa casou depois com um professor daí da escola, seu Américo.

MAGB: Venturini? É Venturini?

ISC: Não. É Venturilli.

MAGB: Ah é esse o nome, tá.

ISC: Depois tinha uma aluna que casou com o seu Alcírio. Essa é Leonor Ferreira.

MAGB: [baixinho - ele era casado] E daí as outras? Ah, mas a senhora não é do tempo da Barraque? Da Maria da Conceição Barraque?

ISC: Ah! A D. Conceição. Ela deu pouco tempo de aula pra mim porque ela veio no lugar, acho que da Mariquita. Foi no lugar de quem? Acho que foi no lugar da D. Mariquita. Acho que a D. Mariquita foi pra terra dela,

MAGB: Foi pra Sorocaba e daí veio a Barraque.

ISC: Isso aí é um detalhe que eu não tenho bem certeza.

MAGB: A Barraque era de São Paulo.

ISC: Tive aula pouco tempo com ela. Era também muito boa.

MAGB: Disse que ela era muito elegante.

ISC: Eu gostava sabe do quê? Elas se vestiam muito bem. Eram muito chiques.

MAGB: Como era a roupa delas? Que cores, era vestido, saia e blusa?

ISC: Elas não tinham uniforme. Elas se vestiam com blusa e saia, ou vestido mesmo inteiro.

MAGB: E o comprimento das saias onde era? Na canela, no tornozelo quase?

ISC: Aqui no meio.

MAGB: Sei. É o que falamos um comprimento midi, no meio da perna E as cores das roupas? Era pano liso, estampado, listrado.

ISC: A D. Eunice gostava muito de se vestir de claro. Agora que gravei bem a Mariquita - estava com uma saia preta e uma blusa com

MAGB: Cor palha?

ISC: xadrez.

MAGB: Príncipe de gales?

ISC: Não era bem príncipe de gales, mas era um xadrezinho.

MAGB: Pied de poule. Tinha aquele xadrezinho chamado pied de poule, pé de galinha. Tinha um xadrez escocês.

ISC: Ela punha laço aqui, manga comprida, estava meio frio, só que ela era friorenta quando veio aqui pra Limeira - Sorocaba não é muito frio, né.

MAGB: Acho que é mais quente.

ISC: Limeira era frio, menina, e ela dizia, ai meu Deus, que se vestia de noite - aquele tempo, hein, não tinha que nem hoje -, punha meia de lã e um punho no pijama dela [risos].

MAGB: E a manga? Era tudo sem decote e o comprimento da manga? Elas não iam decotadas.

ISC: Não, não, muito, muito não.

MAGB: Aparecia o colo?

ISC: O que eu achava bonito era a combinação de cores que, às vezes mostravam pra gente as cores, verde com preto, verde com marrom. Entende?

MAGB: E na roupa delas já servia para dar as aulas, as sugestões delas. Liso com xadrez. E o comprimento da manga?

ISC: Bom, às vezes, usavam manga, manguinha.

MAGB: Mais curta do que o cotovelo? I: Não é nem 7/8, nem 3/4.

ISC: Tinha 7/8, comprida.

MAGB: Entendi. São todos os comprimentos de manga, 3/4, 7/8, tudo o que existe hoje. É tudo a mesma coisa. Tem muita diferença, D. Ida do que era antes?

ISC: Acho que não.

MAGB: Hoje se mistura muito.

Vídeo 2 (3 minutos e 24 segundos)

MAGB: [Não, vamos ver. Não, pode começar outra vez. Avisou que está continuando. Pode falar mais um pouquinho. Pode falar.] Então, não tinha minissaia.

ISC: Não tinha.

MAGB: Miinissaia era dos anos mil novecentos e sessenta e pouco.

ISC: Não tinha. Era algo mais decente, era o que eu achava mais elegante.

MAGB: E os homens, como eles se vestiam? Os professores. Não lembra dos professores? Eles tinham uniforme?

ISC: Não. Iam de terno.

MAGB: De terno?

ISC: É.

MAGB: Diretor, com certeza, ia de terno e gravata.

ISC: Ia.

MAGB: Sempre aquela postura deles assim. Fala só mais um pouquinho. Depois vamos parar. Não vamos sacrificar. A senhora já falou bastante. Está cansada?

ISC: Não, não.

MAGB: O que mais tinha de material? Vocês faziam um caderno de moldes. Vocês levavam o pano, recebiam o pano de lá?

ISC: Primeiro nós fazíamos no papel.

MAGB: No papel, mas quem fornecia o tecido?

ISC: Nós.

MAGB: Vocês levavam?

ISC: Nós.

MAGB: Vocês levavam?

ISC: Ah, sim. Nós levávamos o que a gente fosse fazer.

MAGB: Linha, tudo? Linha, agulha, tesoura.

ISC: Tudo. No desenho, a gente levava compasso, levava tudo o que precisasse, caderno...

MAGB: Daí ficava guardado na escola ou vocês iam e voltavam todo dia com o material?

ISC: Quando nós íamos ter aula é que a gente levava.

MAGB: Ah, tá. O que mais a gente pode dizer... fora as máquinas, o quê tinha mais na escola de equipamentos? Tudo era a mão. Não era? Bordado era a mão, não era?

ISC: Tudo na mão.

MAGB: A máquina fazia a costura. Só costura.

ISC: Só costura fechada.

MAGB: E os moldes? Para fazer os moldes tinha régua...

ISC: Tinha régua, tinha tesoura, levávamos agulha, dedal.

MAGB: E não tinha aqueles ângulos, aquelas coisas que existem hoje em dia?

ISC: Como, por exemplo?

MAGB: Ah, tinha umas cartelas, assim onde tinha, por exemplo, para fazer uma curva.

ISC: Hã.

MAGB: Como vocês faziam uma coisa assim arredondada, uma gola.

ISC: A mão livre.

MAGB: Ah, tudo a mão livre.

ISC: Desenhar o caseadinho para você...

MAGB: Sim, mas eu digo, para cortar. Como faziam? Era a mão também, no compasso. Não tinha nada para ajudar? Era tudo a mão livre?

ISC: Tudo a mão livre.

MAGB: Então tinha que ser boa no desenho, né.

ISC: Tinha fita métrica.

MAGB: Ah, vocês tinham desenho. Quem dava desenho?

ISC: A Leonice, que era de bordado.

MAGB: Não é Cleonice. É Eunice. Você falou Cleonice.

ISC: Não. Eunice.

MAGB: Clarice, não. Você não falou. É Eunice. E ela era de onde?

ISC: De S. Paulo, também.

MAGB: Então, em S. Paulo, a escola que a senhora viu ali era a escola profissional feminina. Era lá que se formavam. Se era de S. Paulo, com certeza, era de lá. Sorocaba deveria ter a outra, também.

ISC: Mas elas... Tá gravando?

MAGB: Tá, mas eu posso parar. Pera aí.

Vídeo 3 (4 minutos e 23 segundos)

MAGB: E tem mais alguma coisa que a senhora lembra, que a senhora quer falar antes dos meus eternos agradecimentos? A senhora lembra de mais alguma coisa que a senhora quer falar? Sobre a escola, como era vista, não sei. A senhora teve também seu irmão que fez lá, né.

ISC: Ela era bem vista porque formava o que você aprendia ali.

MAGB: E a senhora fez alguma coisa com o corte e costura, além das coisas pra casa, a senhora fez alguma coisa de ganho, vamos assim dizer?

ISC: Oh, meu Deus, e como ganhei.

MAGB: É, bordado.

ISC: Nossa mãe menina. Tá gravando?

MAGB: Pode falar.

ISC: Sabe, eu bordava pra gente só

MAGB: da sociedade.

ISC: Bordado que a gente aprendia ali.

MAGB: Por exemplo, assim, toalha de banquete.

ISC: Toalha de banquete.

MAGB: A senhora chegou a fazer vestido de noiva? A D. Conceição falou que ela fez.

ISC: Vestido de noiva na minha vida depois?

MAGB: É.

ISC: Ah! Fiz muitos vestidos de noiva.

MAGB: E depois a senhora fez mais curso de corte e costura, essas coisas assim, ou foi só a prática?

ISC: Eu fiz. Infelizmente, eu tive que esquecer essa aqui porque meu pai achou que eu devia ir pra Santos fazer outro curso lá, mas aí já era particular e não era escola.

MAGB: Mas a senhora continuou fazendo essas coisas.

ISC: O bordado. Eu cheguei a fazer. Sabe a Léa D'Andréa?

MAGB: Sei.

ISC: Pra irmã dela, Rosinha, eu fiz uns enxovais pra ela.

MAGB: De casamento, enxoval de noiva, essas coisas.

ISC: Eu fiz toalha de banquete, com 3,5 m de comprimento por 2 m e pouco de largura. A volta inteira caseado e com orquídeas, bordado em orquídeas com crivo a volta inteira.

MAGB: Nossa! Tudo a mão.

ISC: Tudo a mão. E com 12 guardanapos de uns 40 cm², todo caseado a volta toda.

MAGB: Nossa! D. Ida e quanto tempo demorou pra fazer isso?

ISC: Eu só fazia isso. Só fazia o servicinho da casa e já pegava o bordado. Num instante eu fazia, mas e quando ... [tá gravando?]

MAGB: Não, pode falar. Agora eu queria que a senhora falasse, só porque eu tava lendo aquele depoimento que eu tinha da senhora, que tinha prêmio na escola – estamos acabando de gravar porque não vou conseguir dar conta de fazer a transcrição inteira.

ISC: Senão, fico a noite inteira falando.

MAGB: É. Aí a senhora fala daquele prêmio que vocês tinham, do prêmio lá que a senhora ganhou por assiduidade. Tinha aluno bom, como era o negócio lá?

ISC: Tinha prêmio, dava assim um caderno, por exemplo, nem sei onde está o meu, se não ia mostrar. Está meio deteriorado, mas qualquer hora eu mostro pra você. Tinha prêmios e eu não faltava porque adorava muita escola. Eu não faltava mesmo. Podia ir poucos alunos que eu tava no meio. Tinha prêmios assim e o meu foi por assiduidade.

MAGB: Mas os professores faltavam?

ISC: Ah! Muitos faltavam.

MAGB: Eles vinham do quê?

ISC: Que vinham? Eram tudo da cidade aqui.

MAGB: Mas então onde moravam essas professoras de Sorocaba, de São Paulo?

ISC: Tinham pensão, ficavam em pensão.

MAGB: Em casa de pensão?

ISC: É, é.

MAGB: Com pessoas de família?

ISC: É, é.

MAGB: Não era república, nada disso.

ISC: Não, não era república, era casa de família.

MAGB: Ficavam em casas de família e eram todas solteiras. Só a D. Rosa que casou depois, com o Américo. Então tá bom. D.Ida muito obrigada mais uma vez e nós vamos parar depois de 30 min. A senhora tá ótima. Depois de 35 min entre aquela e essa, acabamos. Mais alguma coisa? Não. A senhora vai ficar eternizada aqui. Brigada D. Ida, até a próxima.

Descritores

Escola Profissional Dr. Trajano Camargo

Curso de Corte e Confeções

Enxoval de nenê

Mestras

Máquinas de costura com pedal

Dispensário de Puericultura

Curso de Mecânica e

Curso de Marcenaria

Ocupação do espaço escolar

Brasil Machado de Campos

Recreio

Prêmio por assiduidade

Bordadeira profissional

Vestidos de noiva

Ida de Souza Coelho

Marlene A G Benedetti

Centro de Memória

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Dados Biográficos da Entrevistada



Fotografia: Marlene Benedetti, 17/07/2013

Ida de Souza Coelho nasceu em 30 de maio de 1917, Santos/SP. Fez educação básica: o primário foi concluído em um ano na Escola Profissional Mixta Dr. Trajano Camargo, nível de escolaridade necessário para a matrícula em Corte e Confecções nessa mesma escola. Não terminou o curso porque se mudou de cidade. Em Santos, fez cursos correlatos, mas pagos. Trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou Dona de casa, costurou e bordou para as senhoras da sociedade limeirense. Fez vestidos de noiva e toalhas de banquete. Ganhou dinheiro com sua habilidade com as agulhas. Faleceu aos 99 anos, em dezembro de 2016.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: Dugan Robbins, 31/12/2017

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel.

Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional.

Anexos:

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado